

# TEMPO DE REVOLUÇÃO

“QUE AS CLASSES DOMINANTES TREMAM À IDEIA DE UMA REVOLUÇÃO COMUNISTA!” (MARX & ENGELS) - DEZ 2023/JAN 2024 - R\$ 5,00

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA (OCI), SEÇÃO BRASILEIRA DA CMI EDIÇÃO 33

## NASCE A ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA

MOVIMENTO VIDA  
ALÉM DO TRABALHO  
VAI ÀS RUAS

P. 06

LÊNIN E O LENINISMO:  
EM DEFESA DE SUAS LIÇÕES

P. 08

## EDITORIAL

# Nasce a Organização Comunista Internacionalista



Francine Hellmann

A Esquerda Marxista aprovou um novo nome para a organização no seu 8º Congresso Nacional: Organização Comunista Internacionalista (OCI)

Estas palavras ficaram célebres no Manifesto Comunista de 1848:

*“Já é tempo de os comunistas exporem abertamente perante o mundo inteiro o seu modo de ver, os seus objetivos, as suas tendências, e de contraporrem à lenda do espectro do comunismo um Manifesto do próprio partido”.*

Já se passaram 175 anos desde que estas palavras foram escritas e, mundo afora, com a ascensão da “nova direita” (Bolsonaro, Trump, Milei etc.) o mundo deu giros para trás e todo adversário político desses senhores é agora acusado de comunista. Mas o Manifesto também explica esta situação e o que fazem os acusados:

*“Onde está o partido de oposição que não tivesse sido vilipendiado pelos seus adversários no governo como comunista, onde está o partido de oposição que não tivesse arremessado de volta, tanto contra os opositoristas mais progressistas como contra os seus adversários reacionários, a recriminação estigmatizante do comunismo?”*

Depois de mais de 175 anos do Manifesto e de

mais de 100 anos da Revolução Russa de 1917, a juventude do mundo inteiro, desencantada com o capitalismo, busca um contraponto radical ao sistema que a oprime. Para entendermos tal fato, precisamos aplicar o que diz o Manifesto: a história da humanidade é a história da luta de classes. Vamos falar um pouco da história das últimas décadas.

Resumidamente: a Revolução Russa de 1917 levou ao poder, pela primeira vez, um partido que representava o proletariado e defendia os interesses da maioria explorada. Em uma negociação, acusado por um general alemão de que o governo bolchevique se mantinha pela força das armas, Trotsky respondeu: *“sim, fazemos isso. Só que usamos a força contra os patrões e não contra os trabalhadores. Isso é o que vos espanta!”.*

## Da revolução à burocratização

Lênin analisava que a Rússia era o elo mais fraco da cadeia imperialista e que a Revolução Russa ia ser o início de uma série de revoluções que mudaria o mundo. Mas as revoluções que

se seguiram foram derrotadas, particularmente na Alemanha. Com isso, o Estado operário ficou isolado no mundo, sob o fogo da burguesia.

Esta situação levou a uma contrarrevolução que não se completou: um dos antigos bolcheviques, Stalin, assumiu o poder e liquidou toda a velha guarda bolchevique. Centenas de milhares de comunistas foram executados pelo regime stalinista. Em 1938, só dois antigos bolcheviques que eram do Comitê Central de 1917 estavam vivos: Stalin e Trotsky, exilado. Em 1940, Stalin liquidou a fatura, assassinando Trotsky.

Na 2ª Guerra Mundial, a coletivização dos meios de produção mostrou sua força e a URSS venceu a Alemanha. E só não ocupou todo o território alemão porque Stalin chegou a um acordo com o imperialismo: os famosos acordos de Yalta e Potsdam, que dividiram o mundo em “zonas de influência”. Com o fim da guerra “quente”, a antiga aliança entre a burguesia e a burocracia russa se desfez e começou a “guerra fria”.

O que levou a isso? Stalin tinha deixado de ser um revolucionário e passou a ser um defensor do *status quo*, onde os interesses da burocracia não eram de realizar novas revoluções, mas, ao contrário, de impedir novas revoluções para preservar seus interesses de casta burocrática.

Assim, os partidos comunistas e a Internacional Comunista (3ª Internacional) traíram as diversas revoluções a partir de 1927 – greve geral inglesa, revolução chinesa em 1927 e, a pior de todas, entregou o poder sem luta a Hitler em 1933, dividindo os proletários e chamando os operários sociais-democratas de sociais-fascistas, enquanto buscavam se aliar abertamente aos fascistas na Itália.

Trotsky, no exílio, declara que a 3ª Internacional está morta para a revolução e começa o trabalho de fundar a 4ª Internacional. Stalin se dedica a fuzilar todos os opositores comunistas no interior da URSS e assassinar o restante nos outros países do mundo. Mais de 80 mil operários aderentes à 4ª Internacional são fuzila-

Stalin tinha deixado de ser um revolucionário e passou a ser um defensor do “status quo”, aonde os interesses da burocracia não eram de realizar novas revoluções, mas ao contrário, impedir novas revoluções para preservar os seus interesses de casta burocrática

dos na URSS. Também é fuzilada a oposição de direita ligada a Bukharin e os centristas ligados a Kamenev e Zinoviev.

Do congresso do partido de 1934, no qual todos, absolutamente todos, eram stalinistas, dois terços foram fuzilados. Assim, destruiu-se o maior partido revolucionário que o mundo já conheceu e um rio de sangue separava os comunistas que não reverenciavam Stalin de todas as outras frações comunistas.

## EXPEDIENTE

**Diretor de Publicação:** Serge Goulart  
**Editor:** Evandro Colzani  
**Diagramação:** Jonathan Vitorio  
**Capa:** Evandro Colzani

**Conselho Editorial:** Alex Minoru, Caio Dezorzi, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo

**Comitê de Redação:** André Mainardi, Bruna dos Reis, Flávio Reis, Francine Hellmann, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Rafael Prata

**Jornalista Responsável:** Rafael Prata  
MTB nº 40040/SP

TEMPO DE  
REVOLUÇÃO

Nos Partidos Comunistas (PCs) de todo o mundo era inscrito no estatuto a proibição absoluta de “conversar com trotskistas”. Um membro do partido podia ser expulso por dizer bom dia a um membro da 4ª Internacional em uma reunião.

A 4ª Internacional, os bolcheviques-leninistas, estavam, nas palavras de Trotsky, “exilados de sua própria classe”. Mas a história ensina e ela é uma madrasta cruel.

### A “guerra fria” e o fim da URSS – a maior derrota que a classe operária sofreu

No fim da 2ª Guerra Mundial a URSS parecia invencível. Nos países ocupados pelas tropas soviéticas, por pressão das massas de um lado e do imperialismo do outro, o capital foi expropriado e foram constituídos estados burocratizados. A Revolução Chinesa levou o Partido Comunista Chinês ao poder. A Revolução Cubana mostrou que o comunismo estava às portas de “Tio Sam”. E isso tudo apesar de todo o esforço contrarrevolucionário da burocracia soviética, com Stalin e seus sucessores fazendo o possível e o impossível para impedir a revolução.

Em 1944 as tropas soviéticas pararam na fronteira da Grécia e assistiram impassíveis enquanto os ingleses massacravam o PC grego que tinha expulsado os nazistas. Revoluções políticas na Polônia, em

Berlim Oriental e outros países da “Europa do Leste” foram esmagadas pelas tropas soviéticas, culminando com a invasão da Tchecoslováquia em 1968.

Mas a força da revolução brotava por todos os poros e o imperialismo norte americano é derrotado e expulso do Vietnã. Kissinger, mais do que depressa, costurou um acordo com a China, culminando com a visita do reacionário Nixon à China! Sim, todas as burocracias faziam de tudo para preservar o *status quo*.

As revoluções coloniais tinham arrancado as colônias do controle direto do imperialismo, mantendo suas condições de países semi-coloniais, nas quais a economia e o mercado interno e externo são controlados pelo capital financeiro internacional.

E o desenvolvimento atrasado dos países onde o capital foi expropriado pesou. A produtividade da economia soviética nos anos 60 era quase seis vezes menor do que nos países imperialistas. E isso, em determinado momento, quando a perspectiva de revolução internacional foi substituída pela construção do socialismo em um só país (ou em cada país em particular, nos países onde o capital foi expropriado) levou a um estrangulamento econômico. A saída política – as revoluções políticas que girassem a revolução rumo à luta pelo socialismo em nível

internacional – foram afogadas em sangue. E o peso da economia fazia soçobrar a URSS.

Uma última tentativa foi feita por Gorbachev, a Glassnot, a abertura. Mas isso levou somente a que os últimos pedaços da burocracia voassem pelos ares, com cada burocrata pilhando a propriedade estatal em seu próprio nome. A China restabeleceu a propriedade privada dos meios de produção, caiu o muro de Berlim, caiu a URSS e o que sobrou foi uma economia mafiosa que se estendia por todos os antigos países da Europa do Leste.

A revolução política foi esmagada pelos tanques na Praça Celestial em Pequim e o caminho para a restauração capitalista à moda chinesa – lenta e gradual – foi consolidado.

Trotsky em 1935 aventou que a URSS poderia ter dois destinos – a revolução política e a retomada da luta da classe operária ou a restauração do capitalismo e, nesse caso, seria a maior derrota que o proletariado sofreria. A segunda hipótese se concretizou e o mundo voltou atrás em termos sociais.

As conquistas da classe operária foram sendo atacadas no mundo inteiro pela chamada “globalização”. As “reformas” nada mais eram que a destruição das antigas reformas do capitalismo das quais a socialdemocracia tanto se orgulhava. Os antigos PCs desapareceram na

poeira dos tempos ou se transformaram em partidos socialdemocratas ou diretamente capitalistas (como o PC italiano). Sobraram alguns grupos que tentavam ir em direção à revolução ou simplesmente adotaram uma política centrada. A Internacional Socialista perdeu qualquer política internacional e toda a sua atividade se transformou na melhor forma de aplicar os planos do capitalismo. Os novos partidos e as novas lideranças, como na Grécia (Syriza), Espanha (Podemos), França (França Insubmissa) e Inglaterra (Corbin no Partido Trabalhista) traíram mais rápido que qualquer novo partido desde então.

---

Trotsky em 1935 aventou que a URSS poderia ter dois destinos – ou a revolução política e a retomada da luta da classe operária ou a restauração do capitalismo e, nesse caso, seria a maior derrota que proletariado teria sofrido

---

Os restos da 4ª Internacional que tinham sobrado da destruição de 1948/52 se adaptaram a uma política rasteira sindicalista ou se tornaram identitaristas, sem

relação com a classe operária.

Os marxistas, organizados na CMI, fizeram um balanço correto da derrota dos anos 89/90 e começaram a abrir caminho para a reconstrução de uma Internacional Comunista e de partidos comunistas em todos os países do mundo. Neste caminho, encontramos vários grupos que se salvaram da debacle dos PCs e procuram uma via revolucionária. É este o caminho que tomamos agora.

No Brasil, nós decidimos sair do PSOL. Este foi um dos novos partidos construídos a partir da virada à direita do PT no início dos anos 2000. Ele muito cresceu nos anos 2010, mas passou e assumiu uma política cada vez mais identitarista e governista, que se completou com a participação no governo Lula/ Alckmim de união nacional.

Os comunistas têm outro lugar. Juntos à classe operária, nada temos a perder, a não ser a opressão e repressão que se abate sobre o proletariado. Por isso, modificamos nosso nome, somos agora a Organização Comunista Internacionalista (OCI), e caminhamos orgulhosamente para a reconstrução de um verdadeiro Partido Comunista, de uma verdadeira Internacional Comunista.

Viva a classe operária!  
Viva a Internacional!

A emancipação dos trabalhadores será obra deles próprios!



## SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA OCI

# PSOL: submisso à burguesia e distante do socialismo

MICHEL GOULART DA SILVA

Em seu recente congresso, a Organização Comunista Internacionalista (OCI, antiga Esquerda Marxista) decidiu romper com o PSOL. Essa decisão se deu diante da adaptação do partido à institucionalidade burguesa e pelo processo de degeneração interna do PSOL. Em seu último congresso, expressando o processo de adaptação do partido à democracia burguesa, o PSOL aprovou uma resolução em que se afirmava:

*“A luta contra a extrema direita, portanto, continua sendo o eixo fundamental da ação política do PSOL e justifica a manutenção da tática de construção de frentes políticas e sociais contra as ameaças à democracia e aos direitos sociais. A extrema direita segue se consolidando como a principal força de oposição ao governo Lula, o que exige do PSOL e demais partidos do campo da esquerda apoio e solidariedade contra os ataques da extrema direita ao mandato que se inicia. O PSOL*



Conferência Eleitoral do PSOL em São Paulo, 2022

*apoiou e seguirá apoiando as medidas que representam avanços e rupturas em relação ao governo Bolsonaro, bem como seguirá reivindicando direitos e conquistas que continuam sendo negados ao nosso povo”.*

No referido documento, o PSOL também se reivindica como “base de apoio ao governo do presidente Lula”, diante da compreensão de que a luta não passa pela organização dos trabalhadores nem pela luta pelo socialismo, mas pela defesa das instituições burguesas. Essa decisão referenda a resolução de dezembro feita pelo diretório nacional do partido, que havia resol-

vido “apoiar o governo Lula em todas as suas ações de recuperação dos direitos sociais e de interesses populares”<sup>2</sup>. Na ocasião, a direção do partido também referendou a indicação como ministra da deputada federal do partido Sonia Guajajara.

O PSOL, antes mesmo de iniciado o governo, já atuava como base de apoio de Lula. Um exemplo bastante evidente se deu no debate sobre a chamada PEC da Transição. Esse debate pressupunha a manutenção do “teto de gastos”, medida aprovada no governo Temer que tem limitado o investimento em áreas sociais em nome

do pagamento da dívida, criticado duramente pelo PSOL ao longo dos últimos anos. Em nome de garantir o pagamento do Auxílio Brasil, o PSOL apoiou a PEC da Transição, deixando de fazer o debate mais amplo sobre o sistema da dívida ou mesmo a relação disso com a crise do capitalismo e a necessidade de mobilização dos trabalhadores.

Com essas deliberações, o PSOL avançou no processo em que abandona a perspectiva de se constituir como espaço de organização independente dos trabalhadores, aliando-se aos defensores da ordem burguesa e das instituições do Esta-

do. Esse PSOL defensor da ordem e das instituições burguesas contrasta com aquele fundado em 2004. O partido foi criado no processo de crise do PT, diante dos ataques contra os trabalhadores no primeiro mandato de Lula. Em 2003, diante da Reforma da Previdência que pôs fim à aposentadoria integral dos servidores públicos e permitiu que parte da contribuição fosse escodada para os bancos, alguns parlamentares do PT e de outros partidos aliados se levantaram contra a medida do governo Lula. Naquele ano, os servidores públicos construíram uma grande greve, contrariando os interesses do PT e da direção da CUT, que participava do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) e defendia que não se poderia criticar o governo diante da ameaça pouco provável de desestabilização do governo por parte da burguesia.

Em julho de 2003, mesmo diante do recuo de alguns dos parlamentares do PT, que inicialmente se opunham ao projeto de Reforma da Previdên-



cia, os deputados Luciana Genro (RS), Babá (PA) e João Fontes (SE), e a senadora Heloísa Helena (AL) votaram contra o projeto. Com isso, deu-se início a um processo disciplinar dentro do partido, que levou à expulsão dos parlamentares em dezembro do mesmo ano.

Os parlamentares expulsos, por meio das tendências das quais eram membros, e o Coletivo Socialismo e Liberdade (CSOL), oriundo de uma dissidência do PSTU, articularam aproximadamente desde julho de 2003 o Movimento Por um Novo Partido Socialista (MNPS). Embora contando inicialmente com a participação no movimento de setores do PT, como a Força Socialista, e mesmo do PSTU, a composição inicial do PSOL teve, além de militantes independentes e pequenos grupos regionais, as quatro organizações que iniciaram o movimento: além do CSOL, o Movimento Esquerda Socialista (MES), de Luciana Genro, a Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores (CST), de Babá, e a Liberdade Vermelha, oriunda da Democracia Socialista (DS), de Heloísa Helena. Posteriormente outros setores do PT se integraram ao PSOL, oriundos, por exemplo, da Força Socialista e da Articulação de Esquerda, entre outros grupos, bem como setores dissidências do PSTU.

O novo partido se propunha a ser alternativa socialista e independente em relação ao PT, se colocando como direção para os trabalhadores. Em texto publicado cerca de dois meses depois de criado o movimento que viria a fundar o PSOL, se afirmava: “O novo partido é um abrigo para aqueles que querem uma organização de combate, mas que saiba ser fraterna, unitária em seus princípios fundamentais”. O documento, em diálogo com os militantes socialistas que permaneciam no PT, denunciava o governo

Lula, afirmando “que alimentar equívocos e ilusões quanto às possibilidades de que o governo Lula possa voltar às origens políticas e ideológicas significa contribuir para confundir e debilitar a luta socialista no Brasil”. Nesse sentido, defendia “a construção de uma frente de ação, política e social, que unifique para a luta as organizações socialistas, os movimentos e as forças sociais anticapitalistas e também as de cunho popular e democrático”. Concluía, então, afirmando que “estamos empenhados na construção de um novo partido, tratando de construir uma alternativa política partidária anticapitalista e democrática” (Esquerda Socialista Democrática, nº 1, abril de 2004, p. 1-2).

Diante da experiência dos ataques promovidos pelos governos do PT contra os trabalhadores, o PSOL teve um importante crescimento, especialmente na juventude. Em dezembro de 2006, contava com apenas 5.571 filiados. Passados 15 anos, em dezembro de 2021, o partido chegou a 221.545. O partido, que começou com a articulação dos quatro parlamentares expulsos do PT, na eleição mais recente elegeu 12 deputados federais e dezenas de parlamentares estaduais ou distritais, além de contar com prefeitos e vereadores em diferentes regiões do país.

Esse crescimento se deu pelo fato de o PSOL se colocar como alternativa socialista em relação ao PT. Os trabalhadores, em suas lutas, procuravam uma alternativa política à esquerda e, diante disso, setores da vanguarda encontram no PSOL um potencial espaço de organização.

Contudo, com o *impeachment* de Dilma, em 2016, e o crescimento de grupos de extrema direita no cenário político, culminando no fortalecimento do demagogo Bolsonaro, observou-se um giro do PSOL. O partido paulatinamente deixou de lado o poten-

cial de se construir como um organizador da classe trabalhadora para se consolidar como uma legenda eleitoral que prioriza a disputa parlamentar. Portanto, num momento em que as massas ampliam sua desconfiança em relação às instituições construídas na Nova República e passam a repudiar a prática política fisiológica, questionando as instituições, o PSOL prioriza a defesa dessas mesmas instituições. Na ocasião, criticando as posições aprovadas pelo congresso do PSOL de 2017, afirmamos:

*“Em 2016, o partido participou das grandes mobilizações contra o impeachment e depois contra o governo Temer e os ataques promovidos, mas ao invés de uma política independente nesses combates, adotou o discurso petista do golpe e da defesa da democracia, aderindo à bandeira de ‘Diretas já!’, linha que também determinou as ações tanto da Frente Povo Sem Medo quanto da Frente Brasil Popular”<sup>3</sup>.*

O PSOL se coloca como parte do governo Lula e, portanto, um defensor da institucionalidade burguesa. Produto das disputas internas, o partido abriu mão de construir uma candidatura própria no primeiro turno das eleições de 2022, optando pela adesão à candidatura Lula, absteve-se de realizar o debate programático em torno de uma candidatura socialista e da possibilidade de consolidar a construção de um campo à esquerda do PT. O partido, portanto, faria parte da frente com setores da burguesia na defesa das instituições burguesas. Para o setor dirigente do PSOL, isso se desdobra na participação no governo. Esse setor afirmou abertamente essa posição em documento preparatório para a reunião do diretório nacional de dezembro:

*“Os setores progressistas e a sociedade em geral esperam de nós empenho e unidade para recuperar o país da destruição pro-*



PSOL em ato Pró-Lula no Sítio Histórico de Olinda

Diante da experiência dos ataques promovidos pelos governos do PT contra os trabalhadores, o PSOL teve um importante crescimento, especialmente na juventude

*movida por Temer e Bolsonaro. O PSOL deve participar do governo Lula para disputar os rumos da reconstrução do Brasil, derrotar o fascismo e restabelecer a dignidade do povo brasileiro, possibilitando um novo ciclo de lutas por mais direitos e mais democracia”<sup>4</sup>.*

Os trabalhadores tomaram a candidatura Lula como forma de derrotar eleitoralmente Bolsonaro, e foi correto o combate dos comunistas nessa trincheira. Contudo, integrar-se ao governo de colaboração de classes, deixando em aberto o espaço para a organização independente dos trabalhadores, é um caminho equivocado. O bolsonarismo só poderá ser derrotado por meio

da ação direta dos trabalhadores, contra a exploração da burguesia e pelo fim do capitalismo.

Nesse sentido, os trabalhadores precisam ter um espaço para construir uma alternativa independente em relação ao governo e à burguesia, mobilizando sua base e construindo uma nova forma de poder. O PSOL, passado pelo processo de integração ao atual governo, joga fora qualquer possibilidade de ser um polo de mobilização independente que organize os trabalhadores e a juventude e faça frente tanto aos ataques do governo de colaboração de classe como do bolsonarismo.

O PSOL aprofunda sua integração ao Estado e se torna parte de um governo burguês de união nacional encabeçado por Lula e pelo PT. Para a OCI, que, junto a outros setores do partido se opôs à adesão do PSOL ao governo, os trabalhadores devem construir um partido operário independente, com base nas organizações e nas lutas dos trabalhadores, que tanto seja um espaço para articulação de lutas como para a construção de um embrião de uma organização revolucionária.

## REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> *Proposta De Resolução De Política Nacional. PSOL, 2023. Disponível em: <https://psol50.org.br/file/2023/09/Conjuntura-Nacional-aprovada.pdf>*

<sup>2</sup> *Psol Com Lula Contra O Bolsonarismo E Pelos Direitos Do Povo Brasileiro. PSOL, 2023. Disponível em: <https://psol50.org.br/file/2022/12/PSOL-COM-LULA-CONTRA-O-BOLSONARISMO-E-PELOS-DIREITOS-DO-POVO-BRASILEIRO.pdf>*

<sup>3</sup> *Congresso do PSOL 2017: partido adota a plataforma Vamos. Organização Comunista Internacionalista (Esquerda Marxista), 2023. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/congresso-do-psol-2017-partido-adota-a-plataforma-vamos/>*

<sup>4</sup> *PSOL com Lula para reconstruir o Brasil. PSOL popular, 2023. Disponível em: <https://flcmf.org.br/psol-com-lula-para-reconstruir-o-brasil/>*

## SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA OCI



# Movimento Vida Além do Trabalho vai às ruas!



| RAFAEL PRATA

Nas últimas semanas, o Movimento Vida Além do Trabalho (VAT) alcançou mais de 450 mil assinaturas numa petição online que reivindica o fim da escala 6x1 e, portanto, o direito do trabalhador poder folgar mais de um dia por semana.

A iniciativa surgiu após um vídeo viralizar na rede social TikTok. O autor da postagem é um jovem influenciador digital, chamado Rick Azevedo, que trabalhava nessa escala extenuante como balconista de farmácia no Rio de Janeiro. A partir daí, grupos estaduais e locais do VAT se formaram nas redes sociais, além de uma coordenação nacional do movimento. Desde o início, a Organização Comunista Internacionalista (OCI) saudou a iniciativa do camarada Rick e participa do VAT para que o movimento ajude a organizar e mobilizar cada vez mais trabalhadores pelo fim da escala 6x1 e pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários.

Após uma exitosa reunião aberta da coordenação nacional realizada em outubro, o VAT tomou a decisão de ir às ruas para divulgar a luta e pegar mais adesões

no abaixo-assinado. E as primeiras ações desse tipo foram realizadas entre os dias 17, 18 e 20 de novembro em São Paulo.

A iniciativa surgiu após um vídeo viralizar na rede social TikTok. O autor da postagem é um jovem influenciador digital, chamado Rick Azevedo, que trabalhava nessa escala extenuante como balconista de farmácia no Rio de Janeiro

Nos dias 17 e 18, ocorreram panfletagens na troca de turno de empresas de *call center*, no metrô, na tradicional Rua 25 de Março e em outras avenidas e ruas de comércio. Já no dia 20, o VAT integrou a Marcha da Consciência Negra na Avenida Paulista. Em cada uma dessas ações, a adesão dos trabalhadores era imediata e foram muitas as demonstrações espontâneas de apoio, mostrando que a reivindicação se conecta profundamente com os anseios e o sofrimento de milhares de pessoas que

estão saturadas de tanto trabalhar.

Já no dia 24, o VAT foi às ruas de Curitiba. Impulsionado pelos militantes da OCI, milhares de panfletos do movimento foram distribuídos pela região da Praça Tiradentes. E no dia 25 pela manhã, houve panfletagem do VAT na cidade de Barueri, na entrada de uma empresa de *call center*.

Novas mobilizações e panfletagens estão sendo organizadas para as próximas semanas, em várias cidades do país, com destaque para a ação do VAT no Rio de Janeiro, marcado para o dia 7 de dezembro.

Como mostram as últimas medidas do Congresso Nacional, a única maneira de conquistarmos o fim da escala 6x1 e a redução da jornada de trabalho sem redução de salários é com a organização e mobilização independente dos trabalhadores. É para isso que o VAT está chamado a existir, crescer e aparecer.

## TRABALHO AOS DOMINGOS E FERIADOS: GOVERNO LULA RECUA E PORTARIA DO BOLSONARO CONTINUA

Em 2021, o governo Bolsonaro emitiu uma portaria que liberava 78 setores da economia a

funcionar aos domingos e feriados, sem necessidade de autorização em convenção coletiva de trabalho ou de regulamentação pela legislação municipal. Portanto, sem nenhuma restrição ou contrapartida aos trabalhadores, bastando apenas que o empregador conceda o repouso de 24 horas consecutivas para o trabalhador em outro dia da semana qualquer.

Já o atual Ministério do Trabalho do governo Lula resolveu, no dia 15 de novembro, revogar essa portaria e, portanto, voltaria a valer a necessidade de acordo coletivo ou lei municipal para autorizar o trabalho aos domingos e feriados. Ou seja, não se tratava de nenhum avanço na legislação trabalhista, apenas o retorno à situação pré-2021. Bem longe da nossa reivindicação de fim do trabalho aos domingos e feriados. Evidentemente, sabemos que haveria algumas exceções e, portanto, compensações extras aos trabalhadores, como pagamento em dobro das horas trabalhadas e concessão de folgas adicionais. Mas, bem diferente de hoje em dia, em que inúmeros setores estão autorizados a funcionar aos finais de semana e feriados, como se fosse segunda-feira.

No entanto, a reação da patronal foi imediata.

Como mostram as últimas medidas do Congresso Nacional, a única maneira de conquistarmos o fim da escala 6x1 e a redução da jornada de trabalho sem redução de salários é com a organização e mobilização independente dos trabalhadores

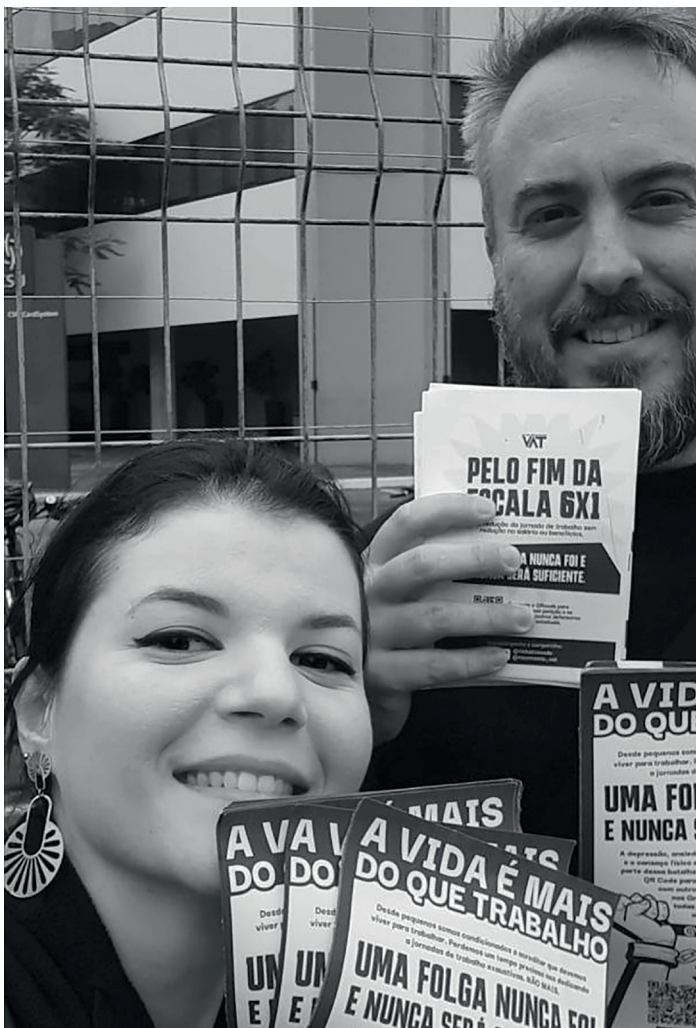
Associações empresariais protestaram e rapidamente Arthur Lira (PP) encaminhou ao Congresso uma votação para manter a portaria. Foram 301 votos a favor do regime de urgência e 131 contrários. Mas, antes que o plenário da Câmara dos Deputados pudesse avaliar o mérito do caso, o governo Lula voltou atrás e suspendeu a revogação até março de 2024.

Mais uma vez, centenas de deputados de partidos que compõem a base do Governo Federal votaram junto com Arthur Lira e junto com a direita bolsonarista, ao invés de seguirem a orientação do Palácio do Planalto. E Lula não fez nada em resposta e não

Reprodução/TikTok



Rick Azevedo, jovem influenciador digital que iniciou movimento no Tiktok



Militantes da OCI durante panfletagem do movimento VAT em São Paulo



Militantes da OCI durante panfletagem do movimento VAT em Curitiba/PR

fará. Isso porque na verdade não são esses partidos que dependem do governo, mas sim é o governo que depende deles.

Nem uma simples medida, como a revogação dessa portaria, o governo Lula é capaz de sustentar politicamente. Essa é tragédia anunciada de um governo de “união nacional” com a burguesia. Nada que interessa aos trabalhadores avança. Afinal, tanto o “centrão” quanto a oposição bolsonarista são representações da burguesia e só aprovam aquilo que interessa aos banqueiros e empresários. O governo Lula cantou vitória na votação do Novo Arcabouço Fiscal e da Reforma Tributária. Porém, no fundo tais medidas só foram aprovadas porque beneficiavam, protegiam ou não incomodavam o capital financeiro nacional e internacional.

Em resumo, os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) são instituições que formam o Estado nacional e, como comunistas, sabemos o que é o Estado: o comitê central de negócios da burguesia. E o governo Lula-Alckmin não foge à regra: está subordinado ao imperialismo e à burguesia.

### DEPUTADOS APROVAM ANTIGA PROPOSTA DE BOLSONARO DE RETIRADA DE DIREITOS

A Câmara dos Deputados aprovou alguns pontos da famigerada proposta de Carteira Verde Amarela do governo Bolsonaro. O projeto de lei reduz a alíquota de

FGTS e INSS dos jovens que buscam o primeiro emprego com carteira assinada e de trabalhadores acima dos 50 anos de idade desempregados há mais de 12 meses. Portanto, a retirada de direitos incide sobre os setores mais fragilizados da força de trabalho.

Bolsonaro escancarou a crise do sistema capitalista ao afirmar que não era mais possível garantir emprego e direitos aos trabalhadores e que, portanto, o povo deveria escolher entre ter empregos com menos direitos ou não ter emprego nenhum.

Essa ideia, mesmo derrotada nas eleições, prevalece como central para a burguesia, que precisa reduzir o valor da força de trabalho e acentuar a exploração dos trabalhadores para tentar preservar seus lucros. Por isso que seus representantes na Câmara resgataram e aprovaram essa proposta.

A aprovação também foi mais uma demonstração de força dos partidos burgueses que compõem “a base aliada” do governo, como uma retaliação pela suposta demora do Palácio do Planalto em liberar verbas das emendas parlamentares. O famoso toma lá, dá cá!

Aos trabalhadores, não resta alternativa, a não ser lutar de maneira independente para reverter todas as reformas que tiram direitos e para mostrar que se o sistema capitalista é incapaz de garantir emprego e condições de vida e trabalho para todos, então deve ser jogado fora.

É possível construir uma sociedade capaz de garantir pleno empre-

Mais uma vez, centenas de deputados de partidos que compõem o governo federal votaram junto com Arthur Lira e junto com a direita bolsonarista, ao invés de seguirem a orientação do Palácio do Planalto. E Lula não fez nada em resposta e não fará, pois na verdade, não são esses partidos que dependem do governo, é o governo que depende deles

go, melhores salários e direitos sociais e trabalhistas para todos, mas para isso, precisamos de uma revolução. Todo o poder político deve ser concentrado nas mãos dos trabalhadores organizados em assembleias e comitês democráticos e os principais meios de produção devem ser expropriados da burguesia e colocados a funcionar sob controle operário. Assim, será possível planificar democraticamente a economia, reorganizar toda a sociedade e incentivar que os trabalhadores façam o mesmo em todo o mundo. Dessa forma, o sistema capitalista irá desaparecer da história e abriremos caminho para uma nova era: o comunismo.

## TEORIA

# Lênin e o leninismo: em defesa de suas lições

*“Há ocasiões na história nas quais os ensinamentos dos grandes revolucionários são distorcidos após suas mortes. Os homens fazem deles ícones inofensivos e, enquanto honram seus nomes, eles amaldiçoam o aspecto revolucionário de seus ensinamentos” (Nadezhda Krupskaya, revolucionária e companheira de Lênin).*

## | CHICO AVIZ

O marxismo é uma ciência. Dialética, em movimento. Essa ferramenta de compreensão totalizante da vida é desenvolvida historicamente por revolucionários que se prestaram, não somente a interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas a transformá-lo.

A ciência proletária não serve para construir mitos e ícones inofensivos. Ao contrário das adulterações feitas pela

camarilha de Stalin, Vladimir Ilyich Ulyanov, o Lênin, não foi um quadro na parede, mas um dos arquitetos mais brilhantes do materialismo histórico-dialético, capaz de demonstrar a possibilidade da produção de um novo mundo, baseado no comunismo internacional.

Como explicou Plekhanov - homem responsável por introduzir o marxismo na Rússia e à Lênin -, “o grande humano assim se torna pela capacidade de servir às necessidades sociais de sua época, sur-

gidas sob a influência das causas gerais e particulares de seu tempo”, e foi isso que moldou Lênin.

Nascido em 22 de abril de 1870, em Simbirsk, cidade central da Rússia europeia, às margens do rio Volga, o mais longo de todo o continente, inspiração do imaginário popular e fundamental para a indústria russa, viveu as agitações políticas em seu país no final do século XIX. Um Estado despótico, absolutista, que organizava uma sociedade atrasada e semifeudal teve como resposta a formação de revolucionários imbuídos da necessidade de soterrar o czarismo.

Esse contexto influenciou-o dentro de casa, pois pôde presenciar a militância de seu irmão mais velho, Alexander, contra seu inimigo homônimo, o Czar Alexander III. Inclusive, podemos ousar dizer que o exemplo de seu irmão contribuiu para o entendimento da organização coletiva da classe explorada contra os dominantes como a única arma efetiva de combate, e não por métodos terroristas de grupos conspiratórios. O resultado disso foi o enforcamento do velho Alexander Ulyanov, o Sasha, como era conhecido, após uma frustrada tentativa terrorista de assassinar o absolutista russo, em 1887.

Por sua verve militante, Lênin foi expulso da Universidade Imperial de Kazan, a qual ingressou para cursar Direito, após a morte do irmão. Sua atuação política e vontade de aprender todo o acúmulo desenvolvido pela humanidade o levou aos círculos de estudo mar-

xista, recém-inaugurados na Rússia.

De “O Capital” ao “Anti-Dühring”, de Marx a Engels, eram os estudos incansáveis desse jovem, que já se organizava no Grupo de Emancipação do Trabalho, fundado em 1883 e dirigido pelo já mencionado George Plekhanov. Nesse coletivo, cumpriu sua primeira grande tarefa, a de estendê-lo para São Petersburgo.

A Rússia passava pelo incremento industrial, a formação do proletariado, ainda que pequeno, pelo financiamento estrangeiro das forças produtivas capitalistas. Era, naturalmente por essas condições, o momento em que se consolidariam as ideias marxistas. Por isso, Lênin foi preso e exilado em 1895, período em que se casou com Krupskaya.

Por volta de 1900, deu vida ao *Iskra*, jornal revolucionário que seria a *faísca* para colocar fogo na luta de classes na Rússia. A tentativa buscava defender o marxismo como a principal ideia na esquerda do país. E teve sucesso ao unir os círculos de estudo rumo a um partido nacional com sólidas bases teóricas e políticas, o Partido Operário Socialdemocrata Russo (POSDR), expressão socialista da classe trabalhadora.

Em “Que fazer?” (1902), Lênin sintetizou a necessidade de um partido formado por militantes profissionais e centralizados, capazes de organizar a luta contra o czarismo. Então, no ano seguinte, no 2º Congresso do POSDR, os militantes de Lênin, que compunham a ala do jornal *Iskra*, conquistaram a direção ideológica do partido.

A Rússia passava pelo incremento industrial, a formação do proletariado, ainda que pequeno, pelo financiamento estrangeiro das forças produtivas capitalistas. Era, naturalmente por essas condições, o momento em que se consolidariam as ideias marxistas

Entretanto, a cisão entre os dois editores do jornal, Lênin e Martov, separou o partido em Bolcheviques e Mencheviques. Mesmo com o esforço de Lênin pela unidade, esse racha antecipou as profundas diferenças entre as duas frações, onde a maioria defenderia a revolução socialista e o poder operário apoiado pelos camponeses, enquanto a minoria de Martov se agarraria às ilusões pequeno-burguesas da democracia liberal.

Motivada pela miséria e a guerra russo-japonesa, a revolução russa de 1905 comprovou que somente a classe trabalhadora poderia dirigir a transformação social. Construíram-se, então, os sovietes, embriões do governo dos trabalhadores. Mas a reação das forças absolutistas conseguiu derrotar a revolução. Foi o período de construção independente dos bolcheviques para formar seu Partido, conformado a partir de 1912.





A capitulação da 2ª Internacional ao militarismo-nacionalista, em agosto de 1914, bloqueou o crescimento da organização revolucionária e das ideias de Lênin entre as massas trabalhadoras. Mas o reagrupamento das forças antiguerra e pelo comunismo internacional foi realizado com a Conferência de Zimmerwald, em 1915.

O papel dirigente de Lênin para impulsionar a reconstrução da internacional proletária, que se daria em 1919, foi crucial. Dos meses que retiraram os revolucionários da desesperança, devido à conjuntura da guerra mundial, ao maior assalto aos céus que a humanidade já conquistou até o momento.

Após a revolução de fevereiro de 1917 pôr abaixo o czarismo, foi Lênin o responsável por orientar, direto do exílio, a posição dos bolcheviques, quando da traição de Socialistas Revolucionários (SR) e Mencheviques, que entregaram o governo provisório ao monarquista Príncipe Lvov. Em 7 de março do ano revolucionário, escreveu:

*“A nossa revolução é burguesa, dizemos nós marxistas, por isso os trabalhadores devem abrir os olhos do povo para a fraude praticada pelos políticos burgueses, ensiná-los a não confiar em palavras, depender unicamente de sua própria força, sua própria organização, sua própria unidade, e suas próprias armas... Vocês devem realizar milagres de organizações, organização do proletariado e de todo o povo para preparar o caminho de sua vitória na segunda parte da revolução”* - Lênin, em Cartas de Longe.

Para Lênin, a transformação da revolução burguesa em proletária na Rússia era o prólogo da revolução comunista internacional. Não existiria socialismo num só país.

Em as “Teses de Abril”, publicadas no dia 7, apresentou as tarefas socialistas que os bolcheviques deveriam cumprir para dirigir os trabalhadores na segunda revolução. Era a revolução permanente descrita por Trotsky, mas nas palavras de Lênin.

As teses pressionavam os mencheviques e os SRs a romper com os ministros capitalistas



Lênin ao lado de Trotsky durante Revolução Russa

para a tomada do poder. Mas logo as palavras de ordem por *Pão, Paz e Terra e Todo Poder aos Soviets* coadunaram as forças renovadas dos bolcheviques internacionalistas e as fileiras operárias e camponesas, pois expressavam suas necessidades imediatas a partir de um programa socialista. Por isso foram reprimidas por Kerensky - o líder burguês do governo liberal -, em julho, levando à prisão Trotsky, Kollontai e outros dirigentes.

A reação fascista do general Kornilov provocou a soltura dos bolcheviques, únicos capazes de organizar as forças operárias contra essa tentativa. E os liberais sabiam disso. A reputação social dos revolucionários cresceu, levando-os às eleições dos soviets de Moscou e Petrogrado, alçando Trotsky à direção do maior conselho operário do país.

Mas, novamente, Lênin foi decisivo para que o Comitê Central bolchevique, às vésperas da Revolução de Outubro, votasse em favor das ações que realizassem a segunda revolução. Evento esse, organizado rapidamente por Trotsky em 25 de outubro, para uma tranquila transferência de poder, sem sangue para o anúncio da construção da ordem socialista, proferida por Lênin, no II Congresso de Todos os Soviets Russos, no dia 26. Conclamados pelos operários, o partido de Lênin estabelecia o novo governo soviético, sem patrões nem generais.

O leninismo orientou a conquista de paz à nação, terra aos camponeses, direito à autodeterminação dos povos, direito à revogação de mandatos de todos os representantes, igualdade jurídico-social entre ho-

mens e mulheres, separação do Estado e igreja e controle da produção pelos operários. Nada seria como antes.

E não foi, pois o Terror Branco de 21 exércitos estrangeiros e imperialistas bloquearam a vida da revolução durante a Guerra Civil (1918-1921). Perseguições, sabotagens, assassinatos sádicos, febre tifóide e cólera. Milhões morreram na Rússia soviética pela reação burguesa, com apoio de SRs e mencheviques. Lênin declarou, em 24 de agosto de 1919, que a indústria havia parado e a comida e o combustível tinham acabado. Ainda assim, Lênin apoiava e impulsionava a classe trabalhadora à vitória.

---

Para Lênin, a transformação da revolução burguesa em proletária na Rússia era o prólogo da revolução comunista internacional. Não existiria socialismo num só país

---

Sob a direção de Trotsky e Lênin, o poder soviético persistiu, arrancando da história seu lugar de direito. Entretanto, venceu, diante de um país em destroços, sendo necessário o recuo a partir da Nova Política Econômica (NEP), abrindo o mercado privado no país, especialmente para a comercialização de grãos.

Não havia segredos: ou a revolução triunfaria internacionalmente ou os funcionários burocratas do Estado - muitos deles

ainda da estrutura czarista - e o ressurgimento de relações capitalistas afogariam a revolução. Lênin defendia exatamente isso, daí a urgência de consolidar a escola do bolchevismo, a 3ª Internacional, a Internacional Comunista responsável por espalhar a revolução.

Porém, as derrotas proletárias na Europa e na China e as traições social-democratas esmagaram a revolução permanente nesse período. Na URSS, Lênin, com sua saúde debilitada, ia se tornando ícone com a ascensão de Stalin como representante do recrudescimento do Estado soviético.

Enquanto, para Lênin, como aprendemos em “O Estado e a Revolução” (1917), essa estrutura deveria definhar, ao ponto de desaparecer, a partir da proliferação dos poderes soviéticos pelo mundo, e não continuar existindo como o novo órgão opressor da sociedade. Agora, sob o controle de uma casta burocrática que apropriou-se da história revolucionária e dos símbolos de nossa classe, o socialismo se limitava do oceano Pacífico ao mar Negro, do Turcomenistão à Chukotka, no extremo nordeste oriental russo.

Por isso é sempre importante lembrar os últimos escritos de Lênin, como o famoso “Testamento”, de dezembro de 1922, ou “Melhor pouco, porém bom”, publicado no jornal *Pravda* em 6 de fevereiro de 1923, onde expressou sua ruptura pessoal e política com Stalin, denunciando os métodos e tendências ao abuso de poder da camarilha burocrática.

Infelizmente, a partir de março de 1923 e até sua morte, Lênin tornou-se praticamente incapaz de qualquer orientação polí-

tica. Lutava por sua vida, que já passara por atentados de toda ordem. O derrame cerebral, a paralisia de sua circulação arterial, suprimiu suas forças em 21 de janeiro de 1924.

Com a vitória da contrarrevolução burocrática na União Soviética, a burguesia e seus porta-vozes não se cansam de esbravejar que o stalinismo nada mais fora que a continuidade do leninismo. Isso não passa de uma falsificação grotesca. As ideias e métodos de Lênin eram internacionalistas e democráticos, opostas às práticas de Stalin, que possuía, como eixo de toda sua política, a teoria do *socialismo em um só país*.

Todo o restante produzido por essa casta burocrática não passa de subproduto da negação ao leninismo. A teoria do partido único, o culto à personalidade, a substituição do internacionalismo proletário pelo patriotismo-nacionalismo e os zigue-zagues de conveniência para a burocracia somente orbitam em torno da principal teoria stalinista, que camuflou-se sob o nome de “marxismo-leninismo”.

Em combate a isso, estiveram milhões de camaradas, e seguimos nós da Corrente Marxista Internacional, em defesa do bolchevismo-leninismo com legado de outro gigante, Leon Trotsky, que em 22 de janeiro de 1924, dia seguinte do desaparecimento de Lênin, escreveu uma emocionada carta alertando que:

*“Lênin já não existe, mas temos o leninismo! O que havia de imortal em Lênin, os seus ensinamentos, o seu trabalho, os seus métodos, o seu exemplo - vive em nós, neste Partido que criou, neste primeiro Estado operário à cabeça do qual se encontrou e que ele dirigiu. [...] O nosso Partido deve ser o leninismo em ação; o nosso Partido deve ser o guia coletivo dos trabalhadores. [...] Lembremo-nos que a nossa responsabilidade é agora muito maior”*.

Portanto, sejamos dignos das lições de Lênin. A tarefa dos comunistas em nosso tempo é construir as forças do comunismo internacional, analisando e atuando na luta de classes a partir de suas ideias revolucionárias e não da caricatura de seu mausoléu.

## MEIO AMBIENTE

# Capitalismo na Amazônia: um beco sem saída

BRUNO KELLY/REUTERS



Seca extrema deixa Rio Negro sem água no Amazonas

| FELIPE LIBÓRIO

Em 2023 a Amazônia viveu uma das maiores secas já registradas em sua história. As bacias dos rios Negro e Solimões, que juntas formam o Rio Amazonas, alcançaram níveis baixíssimos, deixando cidades inteiras isoladas e desabastecidas de comida e água potável. Balsas e navios não conseguem passar pelos trechos mais rasos, dificultando a chegada de combustível e até mesmo insumos básicos para a produção. A morte de milhares de peixes e outros animais, como botos e peixes-bois, ameaça o equilíbrio ambiental da região e não se sabe o quanto pode demorar para que voltem aos níveis normais.

O Polo Industrial de Manaus, que abriga grandes indústrias como Honda, Samsung e Panasonic, enfrentou problemas para receber os insumos necessários à produção. A maior parte dos materiais chega à cidade por via fluvial, mas a seca impede o acesso de navios aos portos de Manaus. Um terminal privado que atende embarcações de grande porte ficou quase 30 dias sem desembarcar um navio cargueiro, algo que nunca havia acontecido em 27 anos de operação.

Boa parte desses acontecimentos extremos na Amazônia podem ser explicados pelo fenômeno conhecido como *El Niño*. Trata-se do aquecimento das águas do Oceano Pacífico, que afeta também o Atlântico Norte e reduz fortemente o volume de chuvas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Segundo a Agência Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA), que monitora o fenômeno, as águas do Oceano Pacífico atingiram 2,1 °C acima do padrão. Este já é o maior patamar de aquecimento desde 2016, quando a temperatura ultrapassou 2,6 °C.

Mesmo não sendo o maior *El Niño* já registrado, uma conjunção de fatores têm tornado 2023 o ano mais quente já registrado na história. No Brasil, diversas cidades registraram temperaturas superiores a 40 °C durante o mês de novembro. No hemisfério Norte, a onda de calor colocou em alerta países como Itália, Espanha e Grécia. Nos EUA e no Canadá, o tempo seco e a temperatura elevada provocaram incêndios gigantescos que destruíram milhões de hectares de florestas.

Tais eventos climáticos extremos afetam fortemente a economia e provocam a destruição de forças produtivas por todo o mundo. Um

estudo recente de pesquisadores do Dartmouth College estima que o *El Niño* deste ano pode gerar perdas de até R\$ 16,6 trilhões para a economia global nos próximos cinco anos. No passado, os *El Niños* fortes ocorridos entre 1982 e 1983, e 1997 e 1998 fizeram o PIB dos EUA se retrair em 3% cinco anos depois. Um evento semelhante hoje levaria a perdas de R\$ 3,4 trilhões para a economia estadunidense.

Para os países tropicais afetados pelo *El Niño*, as perdas são ainda maiores. Na Indonésia e no Peru a queda do PIB foi de 10% após os fenômenos dos anos 1980 e 1990, e os pesquisadores projetam perdas de R\$ 410 trilhões durante o século XXI conforme a frequência e a potência do *El Niño* aumentarem.

Em relação à vida da classe trabalhadora, principais forças produtivas dentro do capitalismo, tais mudanças também representam um alto risco. Um estudo sobre o *El Niño* ocorrido entre 2015 e 2016 concluiu que os surtos de doenças foram até 28% mais intensos. Isso acontece devido ao maior contato dos seres humanos com águas contaminadas e a proliferação de insetos e outros animais transmissores.

## Efeitos sobre o agro

Na agricultura, o tempo seco e quente afeta diretamente tanto a produção de commodities quanto a produção familiar e de subsistência para o consumo cotidiano.

No Centro-Oeste, principal região produtora de soja e milho no Brasil, a falta de chuvas provocou atrasos no plantio e provoca o temor de perda de produção por parte daqueles que já plantaram, mas estão com problemas para garantir o desenvolvimento das sementes. Alguns produtores chegaram a adiar o plantio para dezembro e cogitaram substituir o milho por um outro cereal chamado sorgo, mais resistente e com mercado em diversos países.

Para os cientistas da Rede de Sistemas de Alerta Antecipado Contra a Fome (FEWS NET), o temor é que o *El Niño* afete o rendimento das colheitas e deixe 110 milhões de pessoas em insegurança alimentar. Na Europa, o clima extremo do ano passado (antes mesmo do *El Niño*) já havia provocado quedas na produção de cereais na França (-10%), Espanha (-24%) e Romênia (-32%). Juntos, esses países deixaram de produzir 22,1 milhões de toneladas de alimentos e esse cenário deve se agravar em 2023.

No Brasil, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) reduziu em quase 1 milhão de toneladas a previsão de colheita de grãos e fibras para 2023/2024. O principal afetado é o milho, com queda de 8,7% na previsão de colheita, mas o trigo também sofreu com o excesso de chuvas na região Sul e deve ficar 30,5% abaixo do que foi colhido no ano passado. No conjunto, a diminuição da colheita deve aumentar ainda mais os preços dos alimentos, potencializando a inflação como um todo.

Na agricultura, o tempo seco e quente afeta diretamente tanto a produção de commodities quanto a produção familiar e de subsistência para o consumo cotidiano

## A resposta do capital

Entre outubro e novembro, o Amazonas, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul foram tomados pela fumaça. Em Manaus, a qualidade do ar esteve entre as piores do mundo por diversos dias consecutivos,

perdendo apenas para poucas cidades industriais do Sudeste Asiático. A fumaça se tornou tão espessa em algumas ocasiões que o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes precisou ser fechado e mesmo o tráfego de veículos foi prejudicado pela baixa visibilidade. As doenças alérgicas e respiratórias se multiplicaram na cidade, afetando principalmente idosos e crianças.

No Amazonas, a maior parte da fumaça vem de Autazes, município com forte produção pecuária. A intenção das queimadas é substituir a floresta por pasto para a criação de gado e avançar as propriedades sobre territórios indígenas e terras públicas.

Outros estudos mostram que parte das queimadas se concentrou ao longo da BR-319, que liga os estados do Amazonas e Rondônia. A pavimentação da rodovia é uma demanda antiga da burguesia regional e ganhou força após receber o apoio de Bolsonaro. Uma pesquisa realizada em 2021 pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) mostrou que a média de desmatamento nas proximidades da BR-319 é três vezes maior que a média amazônica. O fogo facilita também a grilagem de terras ao longo da rodovia e aumenta a pressão para sua pavimentação.

A ação dos incendiários é conhecida e acobertada pelo governo, que faz vista grossa para as ações criminosas já documentadas e chegou a dizer em declaração à imprensa que a fumaça estaria vindo do Pará e não seria sua responsabilidade. Um dos efeitos do *El Niño*, no entanto, é justamente a diminuição dos ventos na região, que deixam de trazer chuvas e de dissipar a fumaça. Portanto, é muito improvável que sejam capazes de arrastar a fumaça do Pará até Manaus.

Uma vez que o volume de produção cai, o avanço sobre a floresta virgem visa ampliar a área plantada ou utilizada para a criação de animais, numa tentativa de recuperar o prejuízo e tornar a Amazônia mais lucrativa.

### A especulação sobre a floresta

Além da destruição, o capitalismo avança sobre a Amazônia também no plano da especulação. O mercado dos chamados “créditos de carbono” tem

despertado o interesse tanto da burguesia quanto do Estado e promete ser um novo foco de investimentos para os próximos anos.

Os créditos de carbono são uma espécie de compensação comprada por empresas para neutralizar ou reduzir o seu volume de emissões de dióxido de carbono. Não se trata, no entanto, de uma compensação real, mas de um verdadeiro mercado especulativo em que uma empresa de qualquer lugar do mundo compra crédito de carbono de uma propriedade no Amazonas sem garantia de que a floresta no extremo Norte do Brasil tenha sido capaz de metabolizar as emissões realizadas.

Os governos e demais entidades envolvidas no mercado de carbono, no entanto, afirmam que ele representa um novo ciclo de desenvolvimento para a região e é a melhor maneira de manter a floresta em pé e produzindo riquezas.

Mas para que uma determinada propriedade possa vender créditos de carbono ela precisa primeiro ser certificada, atividade controlada por uma única grande empresa internacional chamada Verra. Uma reportagem publicada pelo Financial Times, em outubro, mostrou que diversas propriedades privadas certificadas pela Verra utilizaram terras públicas como se fossem suas para gerar e vender créditos de carbono a grandes empresas como a Boeing, a Air France e o time de futebol inglês Liverpool.

Além disso, nada garante que uma propriedade particular mantenha de pé a mesma área de floresta que foi certificada para a venda de créditos de carbono. Sem lastro e com ampla abertura para fraudes, se trata de mais uma iniciativa de privatização e especulação sobre a Amazônia na esperança de torná-la lucrativa.

### Reivindicações

Nós comunistas precisamos ter claro que a crise ambiental e climática não é um risco hipotético futuro, mas uma realidade presente que afeta duramente a classe trabalhadora. Do mesmo modo, não podemos encarar o problema com a sensibilidade pueril dos ativistas pequeno burgueses, mas como uma questão fundamental para entender o capitalismo e lutar pela derrubada do sistema.

Em primeiro lugar, defendemos a punição e o confisco imediato sem qualquer tipo de indenização das propriedades envolvidas em queimadas, desmatamento, grilagem, invasão de terras indígenas ou corte e venda de madeira ilegal. Essas terras devem ser destinadas para a reforma agrária, com incentivo à produção de alimentos de forma sustentável, com empréstimos a juros zero e com as técnicas mais avançadas disponíveis.

A difusão da técnica é também uma ferramenta fundamental para viabilizar o aumento da produção de riquezas sem afetar o equilíbrio natural do bioma amazônico. Para isso é necessário universalizar o ensino superior, técnico e tecnológico com campus espalhados pelo interior de todos os estados, programas de permanência e ausência de vestibular ou qualquer outro funil de acesso.

---

Nós comunistas precisamos ter claro que a crise ambiental e climática não é um risco hipotético futuro, mas uma realidade presente que afeta duramente a classe trabalhadora

---

Quanto às indústrias, que são responsáveis pelo maior volume de emissões de CO<sub>2</sub> e outros poluentes, temos uma defesa objetiva. Toda fábrica que repassar o prejuízo para os trabalhadores, com demissões e cortes de salários, deve ser ocupada e os próprios trabalhadores devem assumir a produção. Por consequência, exigimos que toda empresa ocupada seja estatizada sob o controle operário.

A burguesia não tem mais nada a oferecer à humanidade. A solução duradoura dos problemas ambientais passa pela organização comunista dos trabalhadores na Amazônia, no Brasil e no mundo. Fazemos parte da luta para que os produtores assumam o controle dos meios de produção e dos Estados, visando a construção de uma sociedade baseada na cooperação e na igualdade sem opressão e exploração.

Reuters/Suamy Beydoun





# Uma bandeira limpa: os trotskistas britânicos se opuseram à divisão da Palestina em 1948

SOCIALIST APPEAL

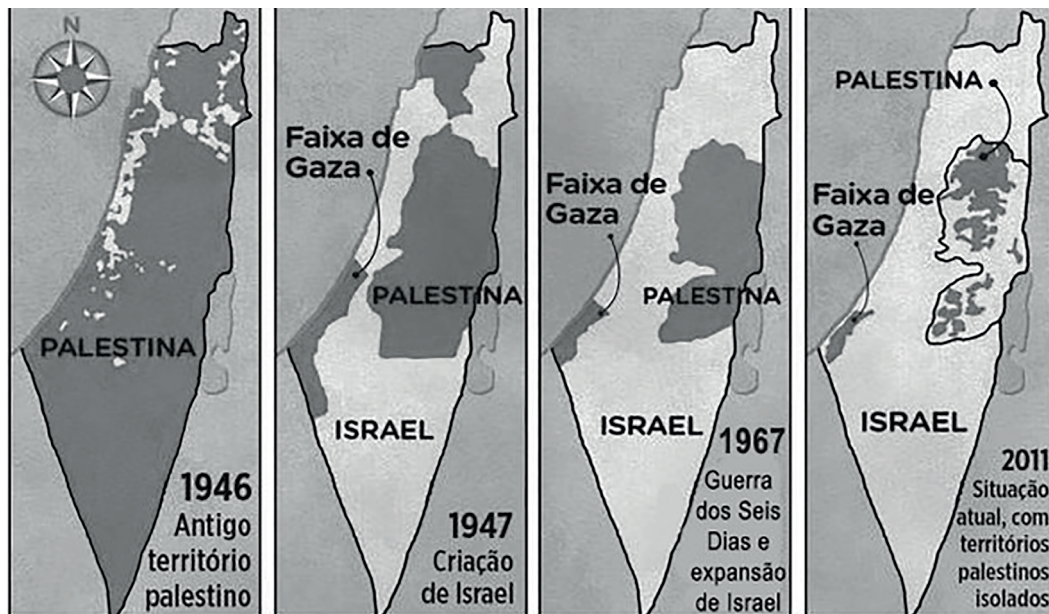
Traduzido por Fabiano Leite

Estamos publicando dois artigos que documentam a posição tomada pelos trotskistas britânicos, o Partido Comunista Revolucionário (PCR), contra o plano de partição da Palestina de 1947, da ONU.

Os artigos foram publicados em novembro e dezembro de 1947 no jornal *Socialist Appeal* do PCR, e salientavam o efeito catastrófico que a divisão produziria na luta de classes contra a intromissão imperialista em toda a região, ao exacerbar o derramamento de sangue e as divisões ao longo de linhas nacionais e religiosas.

O PCR denunciou os propósitos criminosos por trás do plano imperialista de partilha e a traição à causa Palestina representada pela decisão criminosa da URSS de apoiar a partição, ao mesmo tempo em que apresentava uma posição de classe internacionalista.

Suas advertências seriam em breve comprovadas pelos fatos no terreno. A proclamação de Israel só se tornou possível graças a uma campanha de terror e de matanças desencadeada pelas forças militares sionistas contra a população Palestina, destinada a expulsá-la da região. Israel emergiu encharcado de sangue Palestino, graças à limpeza étnica de 750 mil palestinos das suas aldeias e casas. Tal como previsto nos artigos, as ações sionistas também tiveram um impacto esmagador sobre os



Evolução dos territórios na zona de conflito

meios de subsistência dos judeus em todo o Oriente Médio, não lhes deixando outra opção senão abandonar as suas casas e fugir para Israel.

A traição aberta da causa palestina por parte do stalinismo tornou-se evidente com o reconhecimento do Estado de Israel pela URSS em 15 de maio de 1948. O apoio da URSS à criação de Israel significaria um desastre para os partidos comunistas em toda a região e além, atrasando o movimento comunista na região durante décadas.

Hoje, os comunistas da CMI herdaram as tradições da nossa organização antecessora.

## A PARTIÇÃO DA PALESTINA LEVARÁ AO DERRAMAMENTO DE SANGUE

Por s. Munir (\*)

Os chefes de Estado-Maior estão dan-

do os retoques finais nos planos para bases alternativas quando a retirada da Palestina for concretizada. Vastos esquemas de construção estão preparando novas bases no Quênia, na Somalândia e no Sudão, com bases avançadas em Chipre para a marinha e na Transjordânia e no Iraque para as forças terrestres.

“O plano malicioso, pelo qual o imperialismo e o sionismo estão fazendo propaganda” – estas foram as palavras com que o jornal stalinista árabe palestino “Al-Itihad” caracterizou o plano de partição durante muitos anos. O jornal stalinista judaico, “Kol-Ha’am”, não se deteve em denunciar a partição com palavras semelhantes. A oposição à partição foi, talvez, a única coisa em que os dois partidos stalinistas na Palestina, o judeu e o árabe, estavam unidos.

Porém, ambos terão que mudar de atitude. A divisão da Palestina, que

sempre foi considerada não só por nós, os marxistas, mas até pelos stalinistas e pelo Movimento Nacional Árabe, como um plano imperialista concebido para conduzir a Palestina a conflitos internos e a um derramamento de sangue mútuo entre árabes e judeus – este malicioso plano imperialista foi aprovado e apoiado na ONU [Nações Unidas] pela Rússia.

O argumento do delegado russo na ONU, de que a tensão entre judeus e árabes tornava impraticável a criação de um Estado unificado independente, foi retirado diretamente do léxico do imperialismo. Em vez de exigir a unificação dos países do Oriente Árabe, divididos pelo imperialismo há mais de 30 anos, a burocracia stalinista deu apoio a uma nova divisão.

Longe de ser uma “solução” para o problema da Palestina, a partilha apenas agravará a tensão en-

tre árabes e judeus e desviará a luta dos trabalhadores e felás [camponeses] oprimidos do Oriente Árabe de uma verdadeira luta pela libertação nacional e social para canais antijudeus e chauvinistas. A divisão da Palestina significa não só um perigo para a existência da minoria judaica naquele país e para as comunidades judaicas em todo o Oriente Árabe: é também um golpe para a luta de classes do Movimento Trabalhista Árabe que emergiu do desenvolvimento dos anos de guerra, um golpe para a revolução agrária. É uma cunha no coração dos países árabes cujo progresso só pode ser garantido pela sua unificação.

Todas estas considerações tornaram-se irrelevantes para a burocracia stalinista, quando se trata de fazer um acordo diplomático com o imperialismo.

## Dividir e deixar que os outros governem por você!

Como explicar a recente política do governo britânico para a Palestina? Foi pura hipocrisia imperialista quando o sr. Creech Jones disse ao Comitê da ONU sobre a Palestina que “o governo britânico estava pronto para assumir a responsabilidade de dar execução a qualquer plano acordado entre judeus e árabes”. Ele desejava fazer o mundo acreditar que a Grã-Bretanha tinha desempenhado na Palestina o papel de conciliador desinteressado.

Mas quais são os fatos? Há algumas semanas, na sexta-feira, 24 de outubro, um judeu foi preso em Tiberíades e intimado a comparecer perante o tribunal sob a acusação de “perturbar a segurança pública” – porque tinha distribuído panfletos da “Liga para a Cooperação Árabe Judaica” clamando pela paz entre árabes e judeus!

Ao mesmo tempo, oficiais britânicos estão treinando os exércitos dos Estados Árabes e os preparando “para a sua tarefa” na Palestina. E a força militar sionista “Hagana”, cujo principal objetivo de existência é combater o Movimento Nacional Árabe, é hoje permitida à semilegalidade pelas autoridades britânicas. Um exército que, nos momentos menos propícios para os britânicos, foi ilegalizado.

Isto não impede que sir Alan Cunningham, o Alto Comissário Britânico, hipocritamente “avise” aos judeus e árabes que o caos e o derramamento de sangue poderão seguir-se à evacuação britânica!

O imperialismo britânico foi enfraquecido a tal ponto que não pode mais se permitir governar todos os países do Oriente Árabe diretamente pelas suas forças militares. O reajustamento estratégico tornou-se necessário e devem ser encontrados governantes locais que estejam prontos para encaminhar a luta de classes para o maior número possível de conflitos internos. Depois de uma educação de quase 30 anos sob o mandato britânico,

tanto os líderes sionistas quanto os senhores feudais e capitalistas árabes parecem estar considerados adequadamente treinados para a tarefa.

O Oriente Médio e a classe trabalhadora britânica devem frustrar estes planos maliciosos. Nenhum acordo diplomático entre o imperialismo americano e a burocracia stalinista impedirá os trabalhadores do Oriente Árabe de lutar pela unificação total dos países árabes, com direitos iguais e autonomia para os judeus em uma Palestina unificada. Os grupos trotskistas no Egito e na Palestina continuarão a expor a política oculta dos altos comissários britânicos e dos enviados militares, visando mergulhar o Oriente Árabe em um derramamento de sangue.

Trabalhadores britânicos! Exijam a retirada de todas as tropas e missões militares de fomento à guerra do Médio Oriente!

*Socialist Appeal*, órgão do Partido Comunista Revolucionário, meados de novembro de 1947.

### PALESTINA: PARTIÇÃO OPÕE ÁRABES A JUDEUS

O plano imperialista de dividir a Palestina já levou ao derramamento de sangue na Palestina e a manifestações de protesto em todo o Oriente Árabe.

Muitos foram mortos e feridos em ambos os lados. após a greve geral anunciada pelos árabes.

Lojas judaicas foram incendiadas e reina uma tremenda amargura entre os dois povos. Manifestações contra o imperialismo britânico e americano tiveram lugar na Síria, no Egito e no Iraque.

Os estudantes emitiram o apelo “Abaixo a Rússia” por causa do apoio dado pela burocracia stalinista ao plano imperialista de partição. O governo que representa os capitalistas e proprietários de terras árabes na Síria aproveitou a situação para banir o Partido Comunista.

O plano imperialista de dividir a Palestina já levou ao derramamento de sangue na Palestina e a manifestações de protesto em todo o Oriente Árabe

### Advertências Trotskistas

A divisão da Palestina tem o mesmo efeito maliciosamente calculista que a divisão da Índia. No “*Socialist Appeal*” este resultado inevitável foi previsto. No panfleto “O Oriente Médio na Encruzilhada”, que analisa exaustivamente os problemas do Oriente Médio, o camarada T. Cliff escreveu:

“Mesmo que se chegue a esta ‘solução’... será apenas um adiamento temporário e de curta duração do enterro do sionismo. Os judeus da Palestina e os árabes só se

verão envolvidos por este plano em terríveis sacrifícios, confrontos e derramamento de sangue. Um passo imediato rumo à solução para os trabalhadores judeus da Palestina é superar o abismo entre eles e as dezenas de milhões de povos orientais, renunciando aos sonhos sionistas de dominação.”

### Solução imperialista

O objetivo da divisão é jogar as massas árabes contra os judeus, a fim de que o imperialismo possa manter o seu controle sobre o Oriente Médio e dominar ambos os lados. Os imperialismos americano e britânico têm responsabilidade conjunta por esta política. A burocracia stalinista, fazendo o jogo da política de poder, deu total apoio à vivisseção da Palestina. Isto está em absoluta contradição com a política do marxismo e mesmo com a política papagueada pela própria burocracia nas últimas décadas. Seguindo obedientemente o Kremlin, o Partido “Comunista” Britânico deu outra cambalhota de 180 graus e optou pela divisão da Palestina.

### Um desvio da luta real

A divisão da Palestina é reacionária em todos os aspectos – nem os judeus, nem as massas árabes têm a ganhar com isso. Colocar os judeus contra os árabes, desvia a luta contra o imperialismo para uma luta entre aqueles cujos interesses comuns é lutar contra o imperialismo. Faz o jogo dos proprietários de terras e capitalistas

árabes, desviando a atenção dos camponeses e trabalhadores árabes dos seus exploradores. A única solução para o problema da Palestina e do Oriente Médio é o desmantelamento dos planos imperialistas de partição, a retirada imediata e completa de todas as tropas da Palestina e do Oriente Médio. Não pode haver verdadeira independência ou segurança para os judeus ou árabes na Palestina dividida.

*Socialist Appeal*, órgão do Partido Comunista Revolucionário, dezembro de 1947.

(\*) S. Munir era o pseudônimo de Gabriel Baer (1919-1982). Ativista trotskista, que em sua juventude foi membro da seção alemã da Quarta Internacional. Em 1933, ele partiu para o Mandato Britânico da Palestina. Ele se tornou membro do Hugim Marxistiim (Círculos Marxistas), o grupo de jovens de uma facção da Esquerda Poale Zion, o movimento trabalhista sionista, mas o deixou em 1937 com o trotskista Tony Cliff para fundar o Brit Kommunistim Mahapchanin (a Liga Comunista Revolucionária), uma seção da Quarta Internacional na Palestina. No final da década de 1940, ele deixou a Palestina e foi para a Grã-Bretanha, onde se tornou membro do Partido Comunista Revolucionário, escrevendo uma série de artigos em seu jornal *Socialist Appeal*.

Foto de Bettmann



## VIDA DA CMI



# Revolution Festival 2023: 1.000 comunistas na Inglaterra!

| LUCY DIAS

O Revolution Festival, evento tradicional de educação teórica dos camaradas da seção britânica da Corrente Marxista Internacional, teve sua maior edição realizada no outono de 2023. Com uma audiência de mais de 1.000 comunistas de todas as partes da Inglaterra e delegações internacionais de 15 países reunidos no *Friends House* em Londres, os camaradas britânicos aproveitaram o evento para realizar importantes anúncios: o lançamento do jornal *"The Communist"* (O Comunista) em janeiro de 2024 e o Congresso de fundação do *Revolutionary Communist Party* (Partido Comunista Revolucionário).

Antes da abertura formal do evento, na sexta-feira (10), os camaradas organizaram dois grupos de passeio por locais onde Marx e Lênin estiveram quando viveram em Londres. Com o objetivo de mostrar a trajetória militante desses revolucionários, o passeio apresentou locais onde eles realizaram assembleias, discursos, receberam tarefas importantes,

tiveram tragédias pessoais. A ideia é desfazer o mito de que esses revolucionários eram apenas "teóricos", enclausurados em suas bibliotecas e com a cara imersa em seus livros. Além de se dedicarem aos estudos teóricos e à compreensão refinada da sociedade em que vivemos, eram homens de seu tempo, profundamente envolvidos com a agitação social de sua época e militantes ativos para a construção de um partido revolucionário e independente da classe trabalhadora, capaz de pôr abaixo a sociedade capitalista.

Ao final do passeio, um pedido coleta de recursos foi passada entre os camaradas para reunir contribuições financeiras. Uma demonstração muito simples da importância da independência financeira e de como podemos realizar atividades políticas ao ar livre nas grandes cidades do Brasil, a partir da história do movimento operário.

A abertura do evento ocorreu com a fala de introdução de Alan Woods e mesa conduzida pelo dirigente da seção britânica, Ben Glinieck, com o tema "Por que nós somos comunistas?". É uma questão que

todo revolucionário precisa responder todos os dias. É o que justifica nossa razão de existir. Não somos comunistas porque temos um rechaço moral ao capitalismo, porque achamos que é injusto viver assim e sentimos pena do sofrimento das pessoas e da destruição da natureza. Somos comunistas porque compreendemos que é necessário mudar radicalmente o mundo em que vivemos. Não queremos um céu de abundância após a morte, queremos viver em abundância antes de morrer! Somos comunistas porque defendemos a necessidade de expropriar o capital e planejar a produção sob controle democrático dos trabalhadores, para assim, satisfazer todas as nossas necessidades, em harmonia com a natureza. Queremos o paraíso aqui na Terra!

Em sua resposta, Alan disse: "Não nos importa, não interessa se você é branco, preto, seu país, sua religião, sua língua, sua nacionalidade, seu sexo, sua sexualidade... Não estamos interessados nisso, você é bem-vindo para se integrar, sob uma condição: que você defenda o programa marxista de classe e da

revolução internacional, de que você defenda a classe trabalhadora".

Durante a mesa de abertura, alguns camaradas da seção britânica e das delegações internacionais também foram convidados a fazer intervenções. A camarada Lucy, representando a seção brasileira, explicou o conteúdo atual da luta pelo comunismo no Brasil, bem como o sucesso do crescimento da seção e do recrutamento entre a juventude.<sup>1</sup> O entusiasmo pela mudança de nome aprovada no último Congresso e pelo crescimento da seção, particularmente entre os secundaristas, se expressou na salva de palmas recebida durante a intervenção.

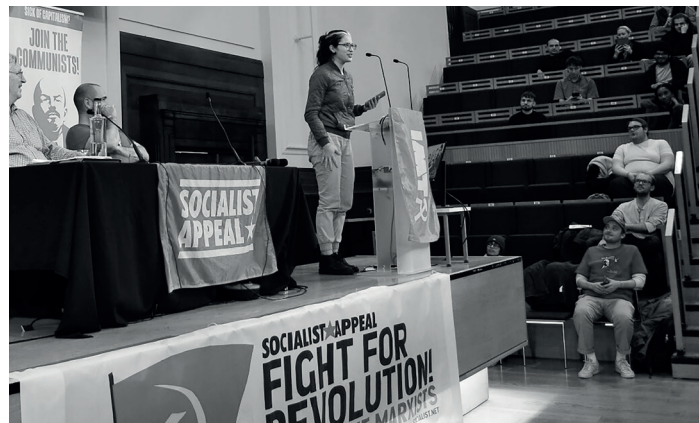
No sábado (11), uma série de mesas simultâneas foi realizada no salão principal e em outras salas reservadas para o evento. Pela manhã, acompanhamos a mesa "Luta de classes na República Romana", apresentada por Alan Woods a partir de seu livro recém-lançado pela *WellRed Books*, com o mesmo tema. Seria a história feita de acidentes? Múltiplos fatores aleatórios? Aqueles que

respondem sim à essa pergunta esquecem-se de considerar a consciência do ser humano para transformar a realidade e, portanto, sua capacidade de fazer a história, não no abstrato, mas através da luta de classes. Foi partindo dessa reflexão que Alan iniciou seu informe, passando por questões filosóficas e exemplos históricos, para explicar a ascensão da república romana, seu apogeu, suas contradições e seu declínio.

Destacamos a indicação de Alan para o filme "Spartacus", de 1960, dirigido por Stanley Kubrick, baseado no romance de Howard Fast, de mesmo nome. O filme retrata um dos mais importantes episódios da república romana que foi a revolta dos escravizados, liderados por Spartacus.

Enquanto essa mesa acontecia, outros camaradas estavam apresentando seus informes e discutindo ideias sobre os temas "Como Marx se tornou um comunista?", "O que é Stalinismo?", "Marxismo 101: uma filosofia da revolução", "Marxismo e a questão nacional".

Após o almoço, as mesas da parte da tarde se dividiram em informes de



até 45 minutos, com um tempo para intervenções da plenária e uma resposta de cerca de 10 minutos. Esse formato foi bastante interessante, porque além de proporcionar que houvesse dois blocos de debates, também foi bastante dinâmico e nenhum pouco cansativo! No primeiro bloco, acompanhamos o debate “Marxismo 101: Como fazemos história”, enquanto isso, aconteciam as mesas “Os condenados da Terra de Fanon: uma crítica marxista”, “Mao realmente foi um comunista?”, “O colapso do imperialismo francês na África Ocidental”, “Os limites da ação direta”. Para todos os temas do evento, havia um link com indicações de leitura e aprofundamento.

Se você que está lendo esse artigo se interessou por algum dos temas do Revolution Festival, pode acessar a bibliografia indicada. Por favor, aponte sua câmera para o QR Code abaixo e acesse-os em inglês. Você pode acionar a tradução automática para ler em português.



Já no segundo bloco, nós participamos da mesa “O que é a CMI?”, informe apresentado por Fred Weston. Nessa discussão, Fred explicou as origens da Corrente Marxista Internacional.

Hoje, a Corrente Marxista Internacional está presente em mais de 40 países, com seções e grupos próximos, e em mais outros 20 países com contatos e pessoas que nos procuram a partir das nossas análises. Mas, no começo, como disse Fred, “havia apenas 600 membros na Inglaterra, 7 na Suécia, 3 na Bélgica etc. Essa era nossa internacional 40 anos atrás. Mas nós tínhamos mais que isso. Nós tínhamos a teoria marxista e as lições do passado”.

Nossa história não pode ser dissociada do período pós-segunda guerra imperialista mundial e seus impactos para o colapso das seções da 4ª Internacional. É possível proteger nossa organização da degeneração burocrática? Temos alguma garantia para prevenir cisões em nossa organização? Como

aumentar as forças do comunismo e reconstruir a Terceira Internacional de Lênin? Essas foram questões centrais pela qual passou todo o informe e as contribuições. E a resposta é: não há garantias! Todos os camaradas devem aumentar seu próprio nível e se educar através da teoria marxista e das lições do passado. Essa é a tarefa que temos que cumprir e é através dela que protegemos nossa organização da degeneração burocrática.

Mais que isso, como explicou Fred, “compreender que não importa o quão brilhante pudessem ser Trotsky e Lênin, individualmente, havia forças materiais que se desenvolveram através do isolamento internacional da Revolução Russa, forças também se alimentavam e reforçavam esse isolamento. Forças que nem Lênin, nem Trotsky puderam evitar, não importa o quão eles fossem brilhantes. E é exatamente nisso que reside a força de construir uma organização internacional”.

Enquanto essa importante mesa acontecia, simultaneamente eram realizadas as discussões sobre “Raça e classe: nós precisamos de um marxismo negro?”, “Contra o patriotismo progressista”, “Marxismo 101: trabalho assalariado e capital”, “A revolução alemã: quando o capitalismo poderia ter sido destruído”.

Encerrando os trabalhos no sábado, os comunistas se reuniram no salão principal para a coleta financeira e para os informes organizativos, com o tema “Construindo as forças do comunismo na Inglaterra”. Esse foi um momento de muito entusiasmo. As diferentes células se organizaram para realizar arrecadações financeiras durante todo o ano e apresentaram suas contribuições no plenário lotado. A cada contribuição, o camarada Ben Glinieck, dirigente nacional da seção, informava o desenvolvimento do trabalho de cada célula, suas atividades de educação teórica, de intervenção na luta de classes, principalmente no último período, organizando demonstrações públicas em solidariedade à luta Palestina. Enquanto isso, um grande QR Code era apresentado no telão para receber doações individuais dos participantes. Ao final, a coleta arrecadou mais de 210 mil libras!

Esse debate mostrou do que são feitas as fibras dessa organização: uma atitude proletária para com as finanças e coletiva para com a independência política e financeira do partido! Foi também nessa seção que os camaradas anunciaram que superaram os 1.000 membros na Inglaterra, precisamente somos 1101 comunistas no país, hoje a maior seção da CMI! Para entusiasmar os participantes e arrecadar fundos, os camaradas fizeram broches comemorativos, que também utilizaram para anunciar nas redes sociais a marca histórica alcançada.<sup>2</sup>

Nessa mesa, Rob Sewell, dirigente internacional da CMI, fez uma fala anunciando as importantes mudanças que os camaradas estão planejando. O jornal passará a se chamar “The Communist” a partir de 25 de janeiro e todos os camaradas estão sendo chamados a estudar durante o recesso de Natal sobre a imprensa proletária para o lançamento do jornal no início de 2024. Além disso, os camaradas anunciaram que farão um congresso de fundação do Partido Comunista Revolucionário, que foi o nome da tendência no Partido Trabalhista (*Labour Party*) da tendência que Ted Grant fundou em 1941. Esses anúncios foram aplaudidos de pé e com o hino da Internacional sendo cantado diversas vezes!

Para celebrar, os camaradas reservaram um bar de três andares fechado para a festa dos comunistas, com espaço para dançar, confraternizar e onde algumas seções apresentaram canções revolucionárias, como as seções sueca e dinamarquesa que cantaram “Live Palestine”.

No domingo (12), último dia do *RevFest*, participamos da mesa sobre “A economia soviética: como funcionou e como não funcionou” e na parte da tarde a mesa sobre “A luta palestina: intifada até a vitória”. Esses dois debates foram gravados, além de outros, e estão disponíveis no YouTube da seção.

O mais interessante aqui é ressaltar que a cada informe eram recomendadas diversas leituras para se aprofundar, como o artigo presente na última edição da revista teórica da CMI “Em defesa do Marxismo” so-

bre a economia soviética e a brochura “Israel-Palestina: uma perspectiva revolucionária”. Assim, cada camarada pode se inspirar com os pontos centrais que os informantes e que a discussão promoveu e aumentar seu próprio nível teórico, aplicando esses conhecimentos na compreensão da realidade atual e na intervenção revolucionária na luta de classes. Para isso, ocupando dois corredores do *Friends House*, havia bancas de livros, jornais, revistas, brochuras e diversos materiais. O ânimo por aprender e se educar se expressou na arrecadação recorde da *WellRed*, que apenas no primeiro dia de evento superou as vendas de todo o *RevFest 2022!*



Ao todo, foram realizadas 38 mesas de discussão, todas com plenário lotado, com informes atuais e históricos, com uma base marxista. Os mais de 1.000 participantes tiveram um final de semana de educação teórica acelerada e de muito entusiasmo, retornando para seus países e células com o ânimo de estar do lado certo da história: o lado da classe trabalhadora e da luta pela reconstrução da Internacional Comunista de Lênin, tão necessária para pôr abaixo o capitalismo em cada país e no mundo inteiro, abrindo o caminho para o futuro comunista da humanidade.



## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Mesa da abertura. *Revolution Festival*, Disponível em: [https://www.youtube.com/live/mjgkySAKYo?si=r\\_zNx-ITKB6OXL1st&t=5675](https://www.youtube.com/live/mjgkySAKYo?si=r_zNx-ITKB6OXL1st&t=5675)
- <sup>2</sup> Broches comemorativos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzhMsBdN2SA/>
- <sup>3</sup> Canal do Socialist Appeal. Disponível em: [https://www.youtube.com/@socialist\\_appeal/featured](https://www.youtube.com/@socialist_appeal/featured)



# **VOCÊ É COMUNISTA?**



## **ENTÃO ORGANIZE-SE!**

**ACESSE [MARXISMO.ORG.BR/JUNTE-SE](http://MARXISMO.ORG.BR/JUNTE-SE) OU USE O QR CODE**



**ORGANIZAÇÃO COMUNISTA  
INTERNACIONALISTA**